



## RETOMAR NÃO É REPETIR, REPETIR NÃO É REPRODUZIR\*: A CONSTITUIÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS SABERES LINGUÍSTICOS

Caroline Mallmann Schneiders<sup>1</sup>

A reflexão que propomos para esta comunicação vincula-se à pesquisa de doutorado que vimos desenvolvendo, cujo mote é analisar o processo discursivo em torno do entrelaçamento entre os saberes da Filologia e os saberes da Linguística em determinado discurso científico sobre a língua portuguesa dos anos de 1950, no Brasil. Tal questão se faz relevante, na medida em que, nos anos de 1950, era o domínio da Filologia que se colocava numa posição dominante e de reconhecimento frente aos estudos que se realizavam sobre a língua portuguesa, enquanto o domínio da Linguística, embora presente em diversos estudos realizados, não tinha o mesmo reconhecimento científico que a Filologia, sendo entendida como uma disciplina de caráter geral cuja função seria de auxiliar os estudos filológicos.

No presente trabalho, interessa-nos destacar, tendo em vista essas condições de produção, algumas considerações sobre o modo como os saberes da Linguística, sobretudo, via *Cours de linguistique générale*, estão retomados nos estudos sobre a língua portuguesa dos anos de 1950, os quais estão calcados, especialmente, no domínio da Filologia. Ao tratar de tal retomada, visamos, portanto, aos sentidos em torno dessa repetição, visto que nem toda retomada implica a reprodução do dizer e dos sentidos, questão que é extremamente importante quando pensamos o campo disciplinar e a filiação de sentidos.

Auroux (2008) considera que “uma disciplina sem história e sem reprodução não pode ser uma ciência” (p. 156), afirmação que nos é bastante significativa, pois, pelo viés da História das Ideias Linguísticas, toda prática científica é constituída a partir de sua relação com o passado, com dizeres já postos, que fazem parte da história e permitem a historicização do discurso em certas condições e conjuntura sócio-histórica. Tal relação com o passado configura o horizonte de retrospectão, bem como o domínio de memória constitutivo de determinado campo de saber, uma vez que “la discipline est moins un état de fait qu’un processus toujours déjà commencé et recommencé” (CHISS & PUECH, 1999, p. 19).

Pelo horizonte de retrospectão, podemos verificar que há um *continuum* de discursos disciplinares, como apontam Chiss & Puech (1999), e esse retorno de saberes, não implica necessariamente a retomada dos mesmos sentidos, e é a partir desse pressuposto que podemos pensar a questão da (re)fundação, que, para os autores, refere-se ao fato de que “la nouveauté n’est

---

\* O título faz alusão a uma citação de Orlandi (2012, p. 14).

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bolsista Capes.



mesurable que sur le fond d'une compacité qui est celle de la discipline même: la fondation est nécessairement une re-fondation" (CHISS & PUECH, 1995, p. 107).

Em nossa reflexão, tais questões são fundamentais, pois visamos a analisar o processo discursivo em torno da maneira como saberes outros são retomados e linearizados no fio do discurso, e consideramos que, para se verificar deslocamentos/movimentos em certo domínio de saber, a repetição é essencial, visto que é por meio da reprodução que pequenas mudanças/diferenças podem ser observadas. Além disso, a repetição, ou ainda, a filiação a certos saberes e sentidos é, como bem destaca Paveau (2006), um princípio de pesquisa, uma vez que não há teoria sem herança, e a invenção está sempre vinculada a uma reinvenção.

Considerando nosso objetivo, destacamos um recorte discursivo (RD) pertencente à obra *Manual de Filologia Portuguesa* (1952), de Serafim da Silva Neto, a fim de propor alguns gestos de interpretação acerca da constituição do processo discursivo em análise, filiando-nos na perspectiva da História das Ideias Linguísticas e aos pressupostos da Análise de Discurso. Mobilizamos tal objeto, visto que é uma importante obra por destacar uma visão geral sobre a perspectiva da filologia portuguesa que embasa tanto as produções acadêmicas quanto o ensino superior da época. Nessa reflexão, trataremos apenas de um RD da obra em questão, o qual nos parece bastante representativo:

**RD:** “Apesar dos merecimentos do sábio alemão Georg Gabelentz, e de outros, o nome que, na Linguística, encarna essa **nova direcção espiritual é Ferdinand de Saussure**. O mestre suíço revela, no seu *Cours de Linguistique Générale* (1916) boa formação geral sociológica: e sabemos até, por informação Doroszewski, que ele acompanhava atentamente a polémica entre Tarde e Durkheim.

Não surpreende, pois, que **o pensamento saussuriano ofereça vistas originais e profunda: ele, a bem dizer, inaugura uma nova fase na Linguística Geral. Entre as suas contribuições capitais contam-se a ideia de língua como um sistema e a distinção entre a língua e a fala.**

De facto, a língua é um **sistema em que todas as partes podem e devem considerar-se sincronicamente solidárias e interdependentes**. Daí a comparação com o jogo de xadrez: **o valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, assim como na língua cada termo tem o seu valor por oposição a todos os outros termos**” (1952, p. 302-303 [negritos nossos]).

O recorte realizado nos interessa por se inserir numa discussão que retoma as condições de produção dos estudos da linguagem do final do século XIX, enfatizando-se as modificações e os movimentos que perpassaram por tais estudos e, sobretudo, as ‘novas ideias’ que se estabeleceram a partir de Ferdinand Saussure. Tal discussão é introduzida pela seguinte afirmação: “É mesmo das maiores e mais justas preocupações dos estudos filológicos de nosso tempo a descrição minuciosa e completa da linguagem corrente. Ou seja, para usar uma nomenclatura hoje consagrada, preeminência dos estudos sincrônicos” (SILVA NETO, 1952, p. 301-302). Pela afirmação, observamos ecos de sentidos que remontam a outra conjuntura, a fim de explicitar os movimentos constitutivos dos estudos filológicos, uma vez que os mesmos visavam, especialmente, à história das línguas, não se voltando para o estudo do momento presente.

Com vistas a retomar o *'ar do tempo'*<sup>2</sup> do século XIX, tem-se a referência a Humboldt e Schleicher, importantes estudiosos da linguagem desse período, que desenvolveram estudos vinculados a uma perspectiva naturalista. O viés naturalista predominou por quase todo o século XIX, devido ao prestígio das 'Ciências Naturais', à época, sendo somente no final desse século, que os estudos tomaram outros rumos, colocando-se no centro das 'Ciências do Homem', apresentando importantes representantes, como: Comte, Dilthey, Durkheim, Tarde, Simmel, Tönnies, Masaryk e Sumner.

Retomam-se tais estudiosos para marcar os movimentos pelos quais passaram os estudos em torno da língua, pois, aos poucos, o viés naturalista, que considerava a língua enquanto um organismo vivo, foi deixado de lado em detrimento de um ponto de vista social, considerando a língua enquanto um fato social. No entanto, a volta ao passado tem um objetivo em específico: destacar que o modo como se concebe os estudos em torno da língua estão marcados pelo *'ar do tempo'*, pelas ideias em circulação em determinada conjuntura, questão de extrema importância quando visamos à compreensão dos movimentos e alterações de determinado domínio de saber.

Essa contextualização em torno do RD mobilizado é fundamental para analisar o seu processo discursivo, uma vez que o mesmo parte de uma marcação temporal, a qual é explicitada pela citação de Ferdinand de Saussure e de seu célebre livro, *Cours de Linguistique Générale*, nome e obra que marcaram significativas mudanças frente aos estudos da linguagem. Contudo, como podemos observar, embora Saussure tenha marcado uma nova posição frente às ideias da época, é determinado, ao mesmo tempo, pelo que estava em circulação, como bem apresenta o recorte: “O mestre suíço revela, no seu *Cours de Linguistique Générale (1916)* boa formação geral sociológica: e sabemos até, por informação Doroszewski, que ele acompanhava atentamente a polêmica entre Tarde e Durkheim” (sublinhados nossos).

Através do RD, verificamos que há uma intensa predicação em torno de Saussure e seu postulado, com o objetivo de enfatizar a sua contribuição para a Linguística: “Não surpreende, pois, que o pensamento saussuriano ofereça vistas originais e profunda: ele, a bem dizer, inaugura uma nova fase na Linguística Geral” (sublinhados nossos). A ênfase na relevância de tal estudioso é, de certo modo, para ratificar o fato de se referenciar o conceito de língua e sua distinção da fala, como podemos observar: “Entre as suas contribuições capitais contam-se a ideia de língua como um sistema e a distinção entre a língua e a fala” (sublinhados nossos).

A respeito da definição de língua como sistema, Normand (1976), em seu estudo acerca da *Métaphore et concept*, onde visa a pontuar a relevância da metáfora para a criação dos conceitos, trazendo o fato de os estudos sobre a linguagem serem plenos de metáforas, destaca a importância dessa definição para os estudos de Saussure, a qual permite “définir un principe directeur de recherche qui n'a plus rien à voir avec les considérations sur la vie d'un organisme, et qui se dégage également de la réduction de la langue à ses caractères d'institution sociale” (p. 109). Ainda, a autora

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada por Sériot (1999).

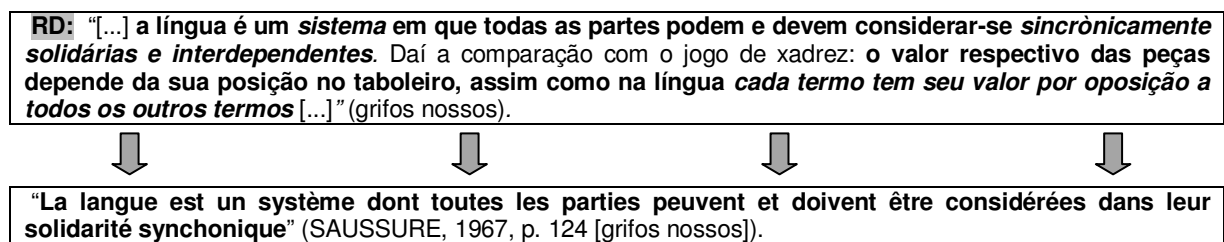
salienta que o interesse recai sobre o ponto de vista semiológico da língua, isto é, nos fatos internos do sistema linguístico. O modo como Saussure considera a noção de língua é, portanto, desvinculada da noção de língua enquanto um organismo, integrando, pois, outras relações, isto é, a ideia de sistema é proposta para pensar os fatos internos da língua, a qual se constitui enquanto um fato social por pertencer à coletividade, por estar interiorizada nos sujeitos falantes.

Essa relação da constituição do conceito com a metáfora nos é bastante pertinente, uma vez que no RD é justamente a metáfora em torno da noção de valor que é retomada, linearizando o conceito de língua a partir dessa relação com o valor: “a língua é um *sistema* em que todas as partes podem e devem considerar-se *sincronicamente solidárias e interdependentes*. Daí a comparação com o jogo de xadrez: o valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, assim como na língua cada termo tem o seu valor por oposição a todos os outros termos” (sublinhados nossos).

A linearização do postulado saussuriano, no fio do discurso, ocorre via citação, a qual, para Orlandi (1997), é um mecanismo estruturante para o modo como se produz ciência, visto que é pela inscrição em outros dizeres que o discurso produz sentidos, e “ao retomá-los, produzimos um deslocamento, empurramo-os para outros lugares” (p. 149). Para nós, a citação tem um papel fundamental, não se referindo apenas a uma repetição de algo já posto, uma vez que, ao citar, o sujeito instaura gestos de interpretação que possibilitam ir além daquilo que retoma. Trata-se, portanto, de um fenômeno peculiar que demarca as filiações do discurso, historicizando a produção científica, e, ao mesmo tempo, possibilita o deslocamento dos sentidos, já que retomar o já dito e linearizá-lo em outra formulação discursiva indica que a repetição não é necessariamente a reprodução dos sentidos, devido ao fato de estar articulada com outras formulações.

No entanto, interessa-nos o modo como é retomado esse já dito na constituição do discurso, o qual, para nós, lineariza-se pelo funcionamento da paráfrase discursiva (HENRY, 1990; SERRANI, 1997). A paráfrase discursiva, pelo viés discursivo, é entendida enquanto matriz do sentido (PÊCHEUX, 1997), e, para compreendê-la, devemos remeter ao que está exterior ao linguístico, mais precisamente, às condições históricas e ideológicas que permitem ao já dito, pertencente a uma FD e conjuntura sócio-histórica, ressoar em outro discurso, situado em outra FD e conjuntura. Um discurso, quando remete a outros, é constituído, pois, pelo funcionamento de ‘ressonâncias de significação’, como propõe Serrani (1997).

A fim de estabelecer a relação entre dizeres situados em FD e condições sócio-históricas e ideológicas distintas, fazemos uma comparação entre o que está posto no RD e o que encontramos no *Cours*:



**“La valeur respective des pièces dépend de leur position sur l'échiquier, de même que dans la langue chaque terme a sa valeur par son opposition avec tous les autres termes” (SAUSSURE, 1967, p. 125-126 [grifos nossos]).**

Ao compararmos o conceito de língua do RD com o postulado saussuriano, podemos dizer que o funcionamento parafrástico, ocorre, sobretudo, pela transposição de uma língua para outra, do francês para o português. Tal retomada é, pois, uma repetição do já dito que irrompe no fio do discurso, linearizando-se de modo que o sujeito se identifica com esse já dito, pertencente a um domínio de saber específico, a saber: o da Linguística. Torna-se relevante tocar nessa questão da tradução, uma vez que partimos da versão em francês do *Cours de linguistique générale*, devido ao fato de não haver, quando da edição da obra *Manual de Filologia Portuguesa* (1952), a tradução em português e o que verificamos é justamente a referência dessa materialidade no RD. Além de se vincular à citação, a tradução pode ser considerada como um tipo de paráfrase.

Contrapondo ambos os discursos, observamos que, embora se sobressaia a repetição, há a inserção de outro termo (“interdependentes”), no fio do discurso, uma vez que, no *Cours*, a ênfase está na “solidarité synchronique”, não havendo a referência na questão da interdependência. Ao se instalar outra predicação, quando da passagem de uma língua para outra, entendemos que, mesmo ressoando sentidos já dados, materializa-se o outro no fio do discurso, questão que, para Brum-de-Paula (2008), em seu estudo acerca da tradução, é constitutivo do ato de traduzir.

No que se refere à comparação da língua com um jogo de xadrez, refere-se, sobretudo, à passagem de uma língua para outra. No entanto, entendemos que se materializa uma ressonância interdiscursiva que não faz apenas ressoar os sentidos entre as asserções constitutivas do postulado saussuriano e o discurso em análise, mas que repete o já dito em outras condições sócio-históricas e ideológicas, incorporando-o aos saberes da FD em que o sujeito está inscrito.

Pelo viés discursivo, são os jogos parafrásticos que estabelecem os sentidos constitutivos do discurso, no entanto, quando observamos o deslizamento de sentidos, há outra categoria que se estabelece: a noção de metáfora. Para Orlandi (2003),

Não há dizer que, para fazer sentido, [...] não se inscreva na memória. Não há dizer que não se faça a partir da repetição. No entanto, na repetição histórica, há deslocamento, deriva, transferência, efeito metafórico. E o efeito metafórico é retomada pelo esquecimento, deslize para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação (ORLANDI, 2003, p. 15).

Orlandi (1990) afirma que o funcionamento da metáfora e da paráfrase, às vezes, não é passível de distinção, ou seja, os limites entre o mesmo e o diferente são bastante tênues. A metáfora, para a autora, é a condição do uso da linguagem, possibilitando o uso de uma palavra por outra. Já a paráfrase, pela repetição, é “o uso diferente do mesmo, do outro no um” (1990, p. 44). Isso quer dizer que o ‘fazer sentido’ ocorre em relação à repetição, mas pode remeter a um deslize de sentido, uma vez que os sentidos não podem ser controlados, o que é próprio da ordem do simbólico, sendo o lugar do funcionamento da ideologia, da história, e onde se instala a possibilidade de gestos de interpretação.



Tendo em vista o RD mobilizado, compreendemos que as proposições de Saussure linearizam-se na formulação do discurso para dar sustentação ao dito e estabilizar determinados sentidos sobre esse domínio de memória. O que prevalece no funcionamento parafrástico observado é a repetição do já dito, apontando para o fato de que pode haver graus distintos de ressonâncias de significação, podendo ser pela reformulação do já dito, ou, como é o caso do RD, pela repetição que ocorre via transposição da língua francesa para a língua portuguesa.

Enfatizamos tal RD para destacar a importância do processo parafrástico na constituição da prática científica, a qual é também, como vimos em Normand (1976), repleta de metáforas, as quais são fundamentais para estabelecer os conceitos. Entendemos que, no discurso em análise, não há um processo metafórico explícito, mas sim a repetição do já dito com vistas a destacar a importância de tal domínio de memória, pois, além de romper com os estudos que se realizavam no final do século XIX, esse postulado determinou os estudos que seguem no decorrer do século XX, influenciando, especialmente, estudiosos, como Jakobson, Troubetzkoy e Karcevski, permitindo-lhes estabelecer os estudos fonológicos, na década de 20, do século XX.

Em nosso entendimento, é próprio do fazer científico a deriva, os deslizamentos de sentidos, que ocorrem, especialmente, a partir da repetição, da reprodução dos saberes, uma vez que é a repetição que permite a “mexida nas redes de filiação dos sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 36). É, pois, essa ‘mexida’ que podemos compreender pelas considerações que realizamos, uma vez que, ao retomar os saberes do domínio da Linguística, é, de certa forma, movimentar as filiações de sentidos que se verificavam junto aos estudos filológicos dos anos de 1950 do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. *A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade das ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas, SP: Editora RG, 2008.

BRUM-DE-PAULA, M. R. *O outro no (in)traduzível*. Santa Maria : UFSM, PPGL-Editores, 2008.

CHISS, J-L.; PUECH, C. La linguistique structurale, du discours de fondation à l'émergence disciplinaire. In: *Langages*, 29e année, n°120, p. 106-126, 1995.

\_\_\_\_\_. *Le langage et ses disciplines (XIX-XX siècles)*. Paris, Bruxelles: De Boeck & Larcier s.a, 1999.

HENRY, P. Construções relativas e articulações discursivas [1975]. In: ORLANDI, E. GERALDI, J. V. (orgs.). *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas, n° 19, jul/dez, p. 43-64, 1990.

NORMAND, C. *Métaphore et concept*. Editions Complexes, Bruxelles, 1976.

ORLANDI, E. *Terra à vista!:* discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, Editora Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 7-20.

PAVEAU, M. *Les prédiscours*. Sens, mémoire, cognition. Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 2006.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença  
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas [1975]. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania Mariani [et al.]. Campinas, Editora da Unicamp, 3. ed. brasileira, 1997. cap. IV, p. 163- 252.

SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique générale*. Edição crítica de Túlio de Mauro. Editions Payot & Rivages, 1967.

SERRANI, S. M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. 2. ed. Campinas. SP: Editora da UNICAMP, 1997.

SILVA NETO, S. da. *Manual de Filologia Portuguesa*. Livraria Acadêmica, RJ, 1952, 1ª edição.